

Região Portuária

A partir de 1774, com a transferência do mercado de africanos escravizados da Praça XV para o Valongo, pelo Marquês de Lavradio, e com a intensificação do comércio escravista, a região adquiriu um forte movimento com os armazéns. Em 1808, com a Vinda da Família Real para o Brasil, o comércio se intensificou na região que passou a abrigar trapiches e toda a logística que envolvia aquela atividade comercial. Mesmo antes da abolição da escravatura, em 1888, muitos negros alforriados habitavam e trabalhavam nesta região, que foi chamada por Heitor dos Prazeres de a Pequena África. Compreendida entre a zona portuária, Gamboa e Saúde, foi neste lado habitado por africanos e seus descendentes e, portanto pobre da cidade, onde surgiram os primeiros terreiros de Candomblé, as quituteiras (tendo como sua representação maior Tia Ciata) e a musicalidade dos batuques e ranchos, que mais tarde originariam o samba e as escolas de carnaval, respectivamente.

Após o final do Império, a Pequena África ainda resistiu e a partir de 1902, começou a sofrer um esvaziamento no governo de Pereira Passos, conhecido como o período do "Bota-abaixo", no qual se promoveu a primeira grande transformação urbanística da região, resultado de uma tentativa de apagamento da memória e história africanas no Brasil, expulsando seus habitantes a partirem para outras áreas menos povoadas, sobretudo para os subúrbios que se formavam ao longo da estação ferroviária D. Pedro II e com ramificações em direção à Baixada Fluminense. Mas atendo-se às reformas na Região Portuária daquele período, feita às custas de centenas de negros e brancos pobres desta localidade, houve obras de melhoramentos no Porto do Rio e Canal do Mangue: o Cais do Valongo foi aterrado e ergueu-se a poucos metros dali o Jardim Suspenso do Valongo, e onde se localizava o Largo do Depósito, foi transformado na Praça dos Estivadores, ruas importantes foram ampliadas e alargadas como a Rua da Prainha (atual Rua do Acre) e a Rua Marechal Floriano até o Largo de Santa Rita.

Passado algum tempo, a região voltou a um período de decadência e esquecimento, acentuada pela construção da Via Perimetral, que criou uma verdadeira área de sombra por toda a sua extensão. Até que, em 1996, a partir de uma reforma residencial, o casal Merced e Petrócio Guimarães dos Anjos encontrou o sítio arqueológico Cemitério dos Pretos Novos, iniciando assim, um trabalho árduo e com poucos recursos para pesquisa e preservação da memória de uma parte da nossa história que não é contada nos livros escolares. Desde então, historiadores, arqueólogos, antropólogos, educadores, jornalistas e pesquisadores de outras áreas têm se interessando pela riqueza de informações que aquele solo revela sobre o nosso passado, até então esquecido.

Em 2011, com o início das obras de requalificação urbanística para receber os Jogos Olímpicos, a região voltou a receber alguma atenção. Com a descoberta de outro importante sítio arqueológico, o Cais do Valongo, intensificou-se a mobilização em torno do legado histórico e cultural deixado pelos africanos escravizados e seus descendentes, para a compreensão do processo da Diáspora Africana e também da formação da sociedade brasileira. Por uma iniciativa da prefeitura com as principais lideranças comunitárias locais, foi instituído o Circuito Histórico e Arqueológico da Celebração da Herança Africana, que fomenta um elo de ligação entre o Cais do Valongo, Cemitério dos Pretos Novos, Pedra do Sal, Largo do Depósito, Jardins Suspensos do Valongo e Centro Cultural José Bonifácio. Dada a importância histórica e simbólica desta área, foi realizado o trabalho entre os diversos setores da sociedade civil e governamentais para propor a candidatura do Cais do Valongo ao título de Patrimônio da Humanidade, concedido pela UNESCO.

Com um olhar voltado para o futuro, a Praça Mauá foi transformada em um novo marco para a região, com a inauguração do MAR (Museu de Arte do Rio); do Museu do Amanhã, com a construção das linhas do VLT; o caminho da Orla Luiz Paulo Conde e toda a nova pavimentação que ainda segue em curso, graças à derrubada da Via Perimetral que abriu espaço para estas obras. Espera-se que, estas mudanças não excluam a importância do passado, nem se negue a tais atores, tão esquecidos e maltratados pela nossa sociedade, as benesses deste desenvolvimento, a fim de que não sejam mais uma vez alijados de um solo que lhes pertence há muito tempo.

Pensão Artística

Pensão Artística é um projeto que estimula a investigação artística e interdisciplinaridade, por meio de uma experiência de convivência compartilhada de curto período. Durante o período de 5 a 9 de maio de 2016, foram realizadas atividades de produção e exibição de obras de arte em um pequeno hotel localizado na Rua Camerino, número 15, em frente à recém-inaugurada Praça dos Estivadores (antigo Largo do Depósito). Quatro artistas foram convidados para a ocupação deste local, cujos quartos serviram de ateliê de criação e espaço de visitação pública em horários pré-estabelecidos.

Esta residência artística abrigou diferentes ideias e funcionou como uma espécie de laboratório para o contato com outras possibilidades de criação e experimentação. Um dos objetivos do projeto foi encontrar um espaço alternativo e temporário, que provocasse os artistas convidados a desenvolverem projetos que se retro-alimentassem direta e indiretamente, gerando uma dinâmica de produção aberta, independente e auto-suficiente.

Neste sentido, Pensão Artística se apresenta como uma resposta a uma demanda de espaços para o trabalho artístico independente no Rio de Janeiro, por meio do desenvolvimento de projetos colaborativos de diferentes características. Para alcançar esta função plural, foi fundamental que este espaço estivesse localizado em uma área que se propusesse a cumprir esta missão socializadora, com o

envolvimento direto de seus moradores, trabalhadores que transitam diariamente por ali e lideranças comunitárias.

Residência Artística

Transformar quartos de um hotel em verdadeiros laboratórios de arte por cinco dias foi um grande aprendizado para os artistas, equipe de produção e curador, que conviveram e trabalharam juntos em determinados momentos, e individualmente em seus micro-territórios. Esta iniciativa inédita na Região Portuária serviu de incubadora de ideias e gerou um ambiente propício para o desenvolvimento de novas relações e intercâmbios.

Cada artista ocupou uma suíte do Hotel Pompeu e teve plena liberdade e autonomia para utilizar aquele espaço para a realização de seus trabalhos e receber visitantes. Mesmo sem ter horários rígidos para fazer as refeições, acabou se tornando um hábito espontâneo estar juntos nestes preciosos momentos de troca. Aos poucos os artistas foram revelando seus primeiros resultados e se adaptando as condições apresentadas que impunham o ritmo do trabalho.

Todo visitante do projeto, conhecido dos artistas ou não, teve que marcar um horário previamente com a produção e indicar as atividades que gostaria de participar. Ao chegar no hotel, ele era recepcionado por nossa equipe e preenchia um formulário da Embratur com seus dados pessoais. Não havia tempo determinado para a sua permanência nas suítes, para que as propostas feitas pelos artistas não fossem comprometidas por um rigoroso esquema de horários. Acreditamos que, talvez por isso, o trabalho desenvolvido durante o projeto tenha sido intenso e se apresentado como uma alternativa para a relação entre arte e público.

Dani Soter, Daniela Dacorso, Fábio Carvalho e Heberth Sobral certamente sentiram o impacto desta residência artística em suas obras e reagiram com tocante generosidade uns com os outros, nos momentos de expor as suas fragilidades e dificuldades, e, também, ao oferecerem apoio e opiniões sobre as situações apresentadas. Os resultados alcançados podem ser muito próximos da versão definitiva de seus trabalhos, ou ainda, o início de uma pesquisa, de um novo caminho encontrado durante a sua permanência no hotel.

Dani Soter

O projeto Pensão Artística nasceu a partir de uma conversa informal com a artista sobre o seu trabalho realizado em Lisboa, em 2010. Naquela época, Dani Soter, assim como neste projeto, idealizou e participou da residência artística Pensão Ibérica, onde iniciou a obra "Colcha de retalhos para uma cama de casal", com a proposta de encontrar desconhecidos ou não, dentro do quarto da pensão de mesmo nome. Aqui no Brasil, o trabalho teve a sua continuidade, na qual apenas um visitante foi atendido por vez, com hora marcada. Durante as visitas, conversaram, costuraram juntos uma colcha de retalhos de roupas usadas, neste encontro que não teve hora para terminar e a sessão durava até quando sentiam juntos, que já não havia mais nada para ser dito. De acordo com a artista, mais do que desejar obter um objeto estético, ela buscou o resultado da experiência realizada a dois, na qual as partes trabalhadas, construíram uma narrativa coletiva, onde a voz é a linha e o segredo é o ponto. Neste trabalho é explorada a questão da intimidade de ambos, sobretudo a do outro, daquele que entra no quarto, quase como se fosse um intruso naquele ambiente particular da artista. Percorrer os olhos pela colcha é um exercício de interpretação e descobertas, com seus nós e bordados cosidos como se quisessem deixar o recado de alguém, que somente a artista e o seu autor saberão decifrar.

Daniela Dacorso

A artista montou um verdadeiro estúdio fotográfico em seu quarto, que ainda preserva a estética do motel que havia sido no passado, com espelhos desenhados no teto e uma pequena varanda voltada para o Jardim Suspenso do Valongo. Alternando entre os registros em preto e branco e com efeito de luz negra, a fotógrafa trabalhou com uma abordagem receptiva aos visitantes para colher informações sobre suas vidas e buscar, a partir de então, elementos que pudessem ser utilizados durante o ensaio fotográfico. Amigos e desconhecidos, funcionários do hotel e trabalhadores do entorno foram retratados, dando continuidade à pesquisa da artista sobre tipos comuns da cidade do Rio de Janeiro. À medida que estas imagens foram produzidas, ficou mais evidente para Daniela Dacorso a importância histórica daquela região, sobretudo ali, em frente ao antigo Largo do Depósito (atual Praça dos Estivadores), que foi o local de maior fluxo do mercado escravista no Rio de Janeiro, nos séculos XVIII e XIX. As imagens de corpos e volumes foram acentuadas com recursos de iluminação, enquanto superfícies da pele quase desapareceram, surgindo personagens e efeitos que evocam a ancestralidade local, com uma força surpreendente, que foram reunidas em um álbum que pode ser manuseado pelo visitante.

Fábio Carvalho

A intervenção urbana Ocupação Olympia foi idealizada especialmente para o projeto, com obras em estêncil e aquarela sobre papel, que remetem à azulejaria portuguesa, com motivos alusivos as práticas esportivas mais antigas e tradicionais, inspiradas em ilustrações russas dos anos 50. Fábio Carvalho preparou previamente os dezesseis diferentes tipos de "azulejos de papel" para serem aplicados sobre paredes e fachadas da Gamboa, adaptando-os e misturando-os a cada local selecionado. Ao estilo lambe-lambe, os trabalhos foram tomando espaços ociosos e

muitas vezes deteriorados, em uma ocupação discreta e harmoniosa, de maneira que remete aos azulejos de figura avulsa portugueses, uma vez que a região tem um rico histórico deste estilo de ocupação, sendo pontuada por uma série de imóveis cujas fachadas ainda encontram-se ornadas como no final do século XIX e início do XX. Apesar deste caráter amistoso de seu trabalho, o artista encontrou dificuldades em transitar pelas ruas do entorno do hotel, com o intenso movimento de policiais fortemente armados e helicópteros que havia sido despertado por conta de uma guerra entre traficantes no Morro da Providência, exatamente nos dias em que ocorria a residência artística. Esta inusitada situação criou uma interface com a poética desta ocupação, que possui a característica recorrente no trabalho do artista da dualidade entre o forte e o frágil, o delicado e o bruto.

Heberth Sobral

Há algum tempo Heberth Sobral cria réplicas de cenas da vida real em pequena escala, também conhecidas por dioramas. A partir do seu olhar sobre a realidade ao seu redor, o artista visual propôs para a residência artística a construção destes cenários sobre a rotina da Região Portuária, com especial atenção ao momento de transformação que vem passando, por conta de sua requalificação urbanística para acolher os Jogos Olímpicos. Utilizando um repertório customizado no qual os personagens são bonecos Playmobill, o artista aborda os costumes locais com suas releituras de imagens e textos publicados nos meios de comunicação. Algumas imagens surgiram a partir do estímulo recebido por matérias de jornais, contudo a vivência em período integral na Gamboa, proporcionou-lhe uma percepção até então não alcançada, quando apenas transitava por ali. Colocando-se, desta vez, na pele de um jornalista, Heberth Sobral criou um repertório em vídeo, seguindo uma estética de telejornal, no qual reporta um pouco de tudo o que percebeu durante a sua hospedagem. Ele levou o seu trabalho pela primeira vez a um estúdio de edição de vídeo, onde junto com outros profissionais criou esta narrativa fantástica, mas tão próxima da realidade vivida durante a residência artística.

Ficha técnica

Coordenação geral e curadoria: Marco Antonio Teobaldo

Idealização: Dani Soter e Marco Antonio Teobaldo

Artistas: Dani Soter, Daniela Dacorso, Fábio Carvalho e Heberth Sobral

Produção executiva: Carlos Chapéu

Projeto gráfico: Adriane Amato

Fotografias: Marco Antonio Teobaldo

Vídeo: Caren Moy e Marco Antonio Teobaldo

Assistente de produção: Caju Bezerra

Revisão de textos: Renata Zambianchi

Montagem: Renato

Parceria Local: Casa da Tia Ciata, Hotel Pompeu e Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN)

